

# Novas Possibilidades rumo ao Futuro das Ciências Humanas e suas Tecnologias 2

Denise Pereira  
Janaína de Paula do Espírito Santo  
(Organizadoras)



**Atena**  
Editora  
Ano 2020

# Novas Possibilidades rumo ao Futuro das Ciências Humanas e suas Tecnologias 2

Denise Pereira  
Janaína de Paula do Espírito Santo  
(Organizadoras)



**Atena**  
Editora  
Ano 2020

### **Editora Chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

### **Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

### **Bibliotecário**

Maurício Amormino Júnior

### **Projeto Gráfico e Diagramação**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

### **Imagens da Capa**

Shutterstock

### **Edição de Arte**

Luiza Alves Batista

### **Revisão**

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

## **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

## **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá

Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí  
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco  
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa  
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza  
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social  
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Profª Drª Lúvia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior  
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo  
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará  
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco  
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba  
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco  
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão  
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana  
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista



## Novas possibilidades rumo ao futuro das ciências humanas e suas tecnologias 2

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
**Bibliotecário** Maurício Amormino Júnior  
**Diagramação:** Camila Alves de Cremo  
**Edição de Arte:** Luiza Alves Batista  
**Revisão:** Os Autores  
**Organizadoras:** Denise Pereira  
Janaína de Paula do Espírito Santo

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

N936 Novas possibilidades rumo ao futuro das ciências humanas e suas tecnologias 2 [recurso eletrônico] / Organizadoras Denise Pereira, Janaína de Paula do Espírito Santo. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-378-1

DOI 10.22533/at.ed.781200909

1. Ciências humanas – Pesquisa – Brasil.
2. Tecnologias. I. Pereira, Denise. II. Espírito Santo, Janaína de Paula.

CDD 301

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

Vivemos um mundo de velocidade e transformações. Algumas são pequenas e cotidianas, mas seus impactos são amplos. Como um celular, que hoje nos conecta a todo momento do dia, por exemplo. Ou a realidade da globalização da cultura e dos problemas sociais.

Existe uma relação direta entre os espaços de produção do conhecimento nas ciências humanas e a constituição de uma racionalidade científica sobre a realidade social, seus problemas e espaços. É ponto pacífico, pela própria fluidez de nossa relação com o tempo e com o “estudo dos homens no tempo”, para usar uma expressão de Marc Bloch (2002, p. 55), que o conhecimento e a racionalidade não têm uma natureza linear e única, mas antes têm como base uma multiplicidade de possibilidades. Isso porque, nossa relação com o conhecimento é fundada na proximidade constante de experiências, na compreensão que são as questões do presente o grande títere do passado enquanto um espaço gerador de sentido para as diferentes vivências. Esse dinamismo inerente ao saber histórico traz consigo a multiplicidade de narrativas e construções presentes e ativas na sociedade.

Assim, na reflexão sobre o conhecimento, sua natureza e o espaço que ocupa em sociedade há um espaço importante a ser ocupado: o espaço de “auto-reflexão, como retorno ao processo cognitivo de um sujeito cognoscente que se reconhece reflexivamente nos objetos de seu conhecimento, suas fontes, suas possibilidades e suas tecnologias. Assim, as transformações e velocidades do mundo, dos objetos e do real, também dialogam com a produção da pesquisa, do trabalho com as fontes e as possibilidades de conhecimento que se abrem e se apresentam.

Esperamos que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas reflexões.

Boa leitura!

Denise Pereira  
Janaina de Paula do Espírito Santo

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
O IMPACTO DA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA NA IDENTIDADE DOCENTE	
Bárbara Regina Gonçalves Vaz	
DOI 10.22533/at.ed.7812009091	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>15</b>
PORQUE INCLUIR O QUE ESTÁ FORA DOS CONTEÚDOS DISCIPLINARES? ESTAMOS FALANDO DE MÚSICA!	
Flavia de Oliveira Barreto	
Fleudya Benigno Lopes Xavier	
DOI 10.22533/at.ed.7812009092	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>28</b>
A INFLUÊNCIA DAS <i>SELFIES</i> NO PROCESSO IDENTITÁRIO DE JOVENS E ADOLESCENTES EM UMA ESCOLA DE PORTÃO / RS	
Daiane Fontes	
Jaqueline da Silva Torres Cardoso	
Sandra Maria Costa dos Passos Colling	
DOI 10.22533/at.ed.7812009093	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>40</b>
PERFIL SOCIAL E PROFISSIONAL DOS EGRESSOS DO CURSO DE LICENCIATURA EM MATEMÁTICA EM UMA INSTITUIÇÃO FEDERAL DE URUÇUI - PIAUÍ	
Rute Sousa do Nascimento	
Anna Walléria Borges de Araújo	
Iago Costa de Oliveira	
Marcílio Macêdo Vieira	
Miguel Antonio Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.7812009094	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>52</b>
MARCOS REGULATÓRIOS DA FORMAÇÃO DO PSICÓLOGO NO BRASIL	
Mirian Rocha de Almeida	
Luís Alberto Lourenço de Matos	
DOI 10.22533/at.ed.7812009095	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>78</b>
APRENDIZAJE COMPLEJO MEDIADO POR TIC PARA ESTUDIANTES UNIVERSITARIOS VENEZOLANOS	
Hebert Elias Lobo Sosa	
Ana Carolina Pacheco Millán	
Jesús Ramón Briceño Barrios	
Manuel Antonio Villarreal Uzcátegui	
DOI 10.22533/at.ed.7812009096	

<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>97</b>
O CAP-UERJ E AS IMPRESSÕES VISUAIS NO ENSINO DE ARTE	
Christiane de Faria Pereira Arcuri	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7812009097</b>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>109</b>
CONHECER PARA ATUAR, ATUAR PARA CONHECER: PELOS INDÍCIOS DE UMA CIÊNCIA SOCIAL POPULAR E MOBILIZADA	
William Bueno Rebouças	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7812009098</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>128</b>
REZADEIRAS, ERVEIRAS E PARTEIRAS DO CARIRI: TECENDO PRÁTICAS DE CURA-NAScer NA AMÉRICA LATINA	
Nayara de Lima Monteiro	
Luciana Patrícia Zucco	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7812009099</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>144</b>
(DES)SUBALTERNIZAR O “BRASILEIRO NATIVO” NA FORMAÇÃO DA SOCIEDADE DOS CURRAIS: CRÍTICA AO EUROCENTRISMO A PARTIR DA PERSPECTIVA DECOLONIAL	
Paulo Robério Ferreira Silva	
João Batista de Almeida Costa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78120090910</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>158</b>
MISS GAY – CONSTRUINDO IMAGINÁRIOS SOBRE A CIDADE DE JUIZ DE FORA-MG	
Muryllo Rhafael Lorensoni	
Ana Graciela Mendes Fernandes da Fonseca Voltolini	
José Serafim Bertoloto	
Maria Regiane Silva Lopes Barrozo	
Sílvia Mara Davies	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78120090911</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>163</b>
GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL NA ESCOLA: A INTERSECÇÃO TEORIA-PRÁTICA NO PROCESSO DE FORMAÇÃO HUMANA	
Ketlenn Franciellen Oliveira de Lima	
Maysa Araújo Rodrigues	
Monique Kelly dos Santos Nascimento	
Maria Cinéria dos Santos Viana	
Mairianne Pereira de Moraes	
Cristiane Maria Alves Martins	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78120090912</b>	

**CAPÍTULO 13..... 173**

**IMPLICAÇÕES DO PRECONCEITO E HOMOFOBIA CONTRA POPULAÇÃO LGBT+ NO BRASIL: UMA REVISÃO DE LITERATURA**

Tamires Alves Dias  
Josefa Iara Alves Bezerra  
Stéffane Costa Mendes  
Caroline da Silva Souza  
Daiana de Freitas Pinheiro  
Mariana Cordeiro da Silva  
Milena Silva Ferreira  
Teodoro Marcelino da Silva  
Andreza Vitor da Silva  
Antonio Wellington Vieira Mendes  
Kadson Araujo da Silva  
Samara Calixto Gomes

**DOI 10.22533/at.ed.78120090913**

**CAPÍTULO 14..... 179**

**O ENCONTRO DE HOMOSSEXUAIS MILITANTES (1979) E AS BANDEIRAS DA PRIMEIRA ONDA DO MOVIMENTO LGBTI+ NO BRASIL**

Rhanielly Pereira do Nascimento Pinto  
Eliane Martins de Freitas

**DOI 10.22533/at.ed.78120090914**

**CAPÍTULO 15..... 193**

**FASCISMO E COMUNISMO NO BRASIL DE 2018: O EMPREGO DE CONCEITOS EXTREMOS NO PAPEL DA LEGITIMAÇÃO DO DISCURSO POLÍTICO**

Vinicius Ribeiro Sampaio  
Felipe Sampaio de Araújo

**DOI 10.22533/at.ed.78120090915**

**CAPÍTULO 16..... 200**

**A NOVA ROUPAGEM DO MITO DA DEMOCRACIA RACIAL**

Beatriz Leal de Carvalho

**DOI 10.22533/at.ed.78120090916**

**CAPÍTULO 17..... 213**

**DEPRESSÃO, RESILIÊNCIA E ESTRATÉGIAS DE SELEÇÃO, OTIMIZAÇÃO E COMPENSAÇÃO: UM ESTUDO COM IDOSOS DO MUNICÍPIO DE IVOTI/RS**

Camila Koren Chiappini  
Anna Regina Grings Barcelos  
Andrea Varisco Dani  
Raquel Maria Rossi Wosiack  
Martina Dillenburg Scur  
Geraldine Alves dos Santos

**DOI 10.22533/at.ed.78120090917**

<b>CAPÍTULO 18.....</b>	<b>222</b>
<b>AVALIAÇÃO DA ATIVIDADE ANTIOXIDANTE E FENÓIS TOTAIS EM CERVEJAS ARTESANAIS COMERCIALIZADAS EM SOBRAL-CE</b>	
Murilo Sérgio da Silva Julião	
Letícia Kelly Mesquita Rodrigues	
Lúcia Betânia da Silva Andrade	
Hélcio Silva Santos	
Alexandre Magno Rodrigues Teixeira	
Leopoldo Gondim Neto	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78120090918</b>	
<b>CAPÍTULO 19.....</b>	<b>237</b>
<b>O TURISMO NA REGIÃO CENTRAL DO RIO GRANDE DO SUL: UM ESTUDO DE CASO SOBRE O MUNICÍPIO DE ROSÁRIO DO SUL</b>	
Janderlei Velasque Dal Osto	
Lucas Mauricio Willecker dos Santos	
Bruno Ribeiro de Oliveira	
Rafael Dezordi	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78120090919</b>	
<b>CAPÍTULO 20.....</b>	<b>249</b>
<b>DIREITO PENAL DO INIMIGO NO ÂMBITO DA PRISÃO PREVENTIVA</b>	
Carlos Eduardo Monteiro de Paiva	
Alexandre Pinto Moreira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78120090920</b>	
<b>CAPÍTULO 21.....</b>	<b>258</b>
<b>DISCURSOS VISUAIS QUE O GRAFITE REVELA NA/DA CULTURA CONTEMPORÂNEA</b>	
Maria Regiane Silva Lopes Barrozo	
José Serafim Bertoloto	
Muryllo Rhafael Lorensoni	
Sílvia Mara Davies	
<b>DOI 10.22533/at.ed.78120090921</b>	
<b>SOBRE AS ORGANIZADORAS.....</b>	<b>276</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO.....</b>	<b>277</b>

# CAPÍTULO 8

## CONHECER PARA ATUAR, ATUAR PARA CONHECER: PELOS INDÍCIOS DE UMA CIÊNCIA SOCIAL POPULAR E MOBILIZADA

Data de aceite: 01/09/2020

Data de submissão: 05/06/2020

**William Bueno Rebouças**

Universidade Federal Fluminense (UFF)

Niterói – Rio de Janeiro

<http://lattes.cnpq.br/9777473859034409>

Este capítulo é fruto de uma pesquisa de bacharelado (REBOUÇAS, 2014) e, principalmente, de uma pesquisa de dissertação de mestrado junto ao Movimento das Comunidades Populares (REBOUÇAS, 2017). Alguns temas foram desenvolvidos também na prática docente em pré-vestibulares populares na Zona Norte do Rio de Janeiro.

**RESUMO:** A emancipação política, cultural e econômica das classes populares por seus próprios meios passa pelo conhecimento das condições sociais em que vivem e se mobilizam. Todavia, as ciências sociais, nascidas com boa dose de positivismo, ainda possuem uma forte orientação de entrenchamento no *locus* universitário, o que dificulta o diálogo necessário com os principais movimentos emancipatórios. A popularização das universidades por meio da inclusão dos atores populares como sujeitos do conhecimento e a quebra do padrão centro-periferia na produção de conhecimento universitário são características vitais para abrir esse diálogo. Uma ciência social para além das instituições possibilita a dinamização da produção de conhecimento e o uso crítico

dos próprios saberes locais, fatos que a tingem com cores de democratização radical, ampliando sua capilaridade e sua abertura a epistemologias populares. É neste contexto que buscamos compreender a Investigação-Ação Participativa de Orlando Fals Borda, assim como as releituras de autores que seguiram seus passos, influenciadores e influenciados por *movimentos anti-sistêmicos* latino-americanos, como Mariana Bayo e Andrés Aubry. Procuramos compreender como as ciências sociais podem estabelecer um diálogo não-hierarquizado entre o saber acadêmico e a produção de conhecimento pelos movimentos territorializados e romper com a divisão entre sujeito e objeto do conhecimento. É possível elencarmos três caminhos para uma radicalização democrática do ensino e da aprendizagem: i) a popularização da universidade, ii) a estratégia de ampliar o ensino para fora da academia, iii) o diálogo não-hierarquizado com os movimentos sociais locais, que produzem saber em seus territórios. É por esses elementos que procuramos os *indícios*, as *pistas* deixadas pela busca em construir uma outra ciência social, popular e mobilizada que, por um lado, se apresente crítica e comprometida com a luta dos *movimentos anti-sistêmicos*, e por outro, almeje ser acessível à leitura das classes populares e aberta aos saberes tradicionais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Autonomia, Educação, Investigação militante.

## KNOWING TO ACT, ACTING TO KNOW: BY THE EVIDENCES OF A POPULAR AND MOBILIZED SOCIAL SCIENCE

**ABSTRACT:** The political, cultural, and economic emancipation of the popular classes by their own means involves knowing the social conditions in which they live and mobilize. The social sciences, however, born with a good dose of positivism and still have a strong orientation of entrenchment in the university locus, which hinders the necessary dialogue with the main emancipatory movements. The popularization of universities through the inclusion of popular actors as subjects of knowledge and the breaking of the center-periphery pattern in the production of academic knowledge are vital characteristics to open this dialogue. A social science beyond the institutions enables the dynamization of knowledge production and the critical use of local knowledge itself, facts that dye it with colors of radical democratization, expanding its capillarity and its openness to popular epistemologies. In this context, we seek to understand Orlando Fals Borda's Participatory Action-Research, as well as the reinterpretations of authors who followed in his footsteps, influencing and influenced by Latin American anti-systemic movements, such as Mariana Bayo and Andrés Aubry. We seek to understand how the social sciences can establish a non-hierarchical dialogue between academic knowledge and the production of knowledge by territorialized movements and break with the division between subject and object of knowledge. It is possible to list three paths for a democratic radicalization of teaching and learning: i) the popularization of the university, ii) the strategy of expanding teaching outside the academy, iii) the non-hierarchical dialogue with the local social movements that produce knowledge in their territories. It is by these elements that we look for the *evidences*, the *clues* left by the search to build another social science, popular and mobilized that, on the one hand, is critical and committed to the struggle of *anti-systemic movements*, and on the other, aims to be accessible to the reading of popular classes and open to traditional knowledge.

**KEYWORDS:** Autonomy, Education, Militant investigation.

### 1 | INTRODUÇÃO

A democratização do ensino e da aprendizagem no Brasil passa por, entre outros, três pontos: primeiro, a popularização do ensino superior, a qual avançou nos últimos anos com a luta histórica do movimento negro por cotas raciais e sociais, encontrando na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) um caso exemplar, e com a luta dos pré-vestibulares sociais e populares pela aprovação de estudantes das periferias nas universidades públicas. Segundo ponto, a aproximação entre ensino superior e a comunidade ao seu entorno, o que deve ser atingido por meio de projetos de extensão, de tutoria e do contato permanente com movimentos sociais, de bairros e de favelas. E terceiro, a pesquisa participante, que pode, por um lado, aumentar a capacidade de leitura da realidade e sua transformação pela universidade e, por outro, fornecer instrumentos importantes para os movimentos sociais.



O conhecimento nas ciências humanas passa inexoravelmente pela inserção do pesquisador no mundo social em que pesquisa (DAMATTA, 1981). Sua inserção social se dá por múltiplas maneiras, como: inscrição de classe, cultura, etnia, religião, gênero, relações sócio-espaciais, todas marcadas por desigualdades estruturais. Todavia, o modelo epistemológico hegemônico nas ciências sociais aponta para um alheamento do investigador em relação às condições em que está inserido. Os muros da universidade passam a representar uma barreira intransponível em relação ao seu entorno, mantendo o conhecimento científico longe daqueles que mais o necessitam. O modelo positivista aponta para uma necessária confluência entre neutralidade e objetividade, o que acarreta no isolamento do investigador em relação à realidade que estuda. A falta de inserção social das ciências sociais não só compromete a qualidade de sua pesquisa, mas também estabelece uma barreira entre seu estudo, suas vivências e um potencial público-alvo. Deste modo, ocorre não somente uma falta de acessibilidade dos estudos acadêmicos, mas também uma limitação do conteúdo, uma vez que não se estabelece uma *polifonia* sobre um determinado tema.

Um distanciamento crônico da universidade ao meio que a circunda e que se procura compreender se apresenta como um dos principais empecilhos quando tratamos sobre a democratização do ensino superior. Deste modo, se faz necessário, não somente a inclusão dos setores populares na universidade, mas também a popularização e acessibilidade do conteúdo desenvolvido nesta. Um obstáculo de ordem epistemológica e metodológica que impede uma troca rica e necessária entre o conhecimento produzido no bojo das atuações populares com aquele desenvolvido na academia. Esse obstáculo surge exatamente com as raízes positivistas das ciências sociais, assim como pela origem sociopolítica da academia e pela função que esta exerceu no limiar da sociedade capitalista (GRAMSCI, 1982; LÖWY, 2000).

A gênese das ciências sociais abriga não somente em um distanciamento entre sabedoria popular e conhecimento científico, mas também um distanciamento entre a prática e a produção de conhecimento, que remetem à filosofia cartesiana e serão aprofundadas durante o século XVIII. Todavia, como abordaremos aqui, as epistemologias surgem, não da mente atomizada de um intelectual, mas sempre como resultados de movimentos políticos coletivos (AUBRY, 2007, 2011). É desta maneira que podemos compreender o significado do surgimento das ciências sociais e o papel do positivismo na contestação da ordem clerical e estamental (LÖWY, 2000). Também procuraremos compreender o surgimento da Investigação-ação Participativa nos anos 60 e 70 na América Latina, como uma tentativa de contestar a postura positivista na academia latino-americana.

Esta abordagem logrou resultados ao produzir uma rica literatura sobre os

movimentos sociais de seu tempo, ao mesmo tempo em que aproximou importantes intelectuais, como Orlando Fals Borda e Camilo Torres das mobilizações populares. Sua produção influenciou abordagens acadêmicas por todo o mundo, como, notadamente, no caso de Immanuel Wallerstein. O percurso trilhado pela Investigação Ação-Participativa encontrou maior robustez em análises influenciadas pelo levante zapatista, como a de Mariana Bayo e Andrés Aubry, a partir de 1994, e podendo ser percebida nos dias de hoje na abordagem de Raúl Zibechi. Essas análises se adaptaram às demandas próprias deste movimento por território e autonomia, mobilizado a partir de sua própria geografia e de seu próprio calendário (SUBCOMANDANTE MARCOS, 2008). A IAP teve que se transformar para se adequar a uma *sociedade em movimento* (ZIBECCHI, 2007), adaptando seu método para se adequar ao projeto de autonomia construído pelos próprios zapatistas.

Faremos a leitura destas abordagens sempre em relação com os chamados movimentos antisistêmicos (WALLERSTEIN, 2004; ROJAS, 2010) de sua época. Uma leitura dialética entre teoria e prática. Por sua vez, a pedagogia brasileira se mostra privilegiada pela influência da pedagogia da autonomia freiriana, que há décadas ressalta a importância do respeito aos saberes tradicionais e populares no processo de ensino-aprendizagem (FREIRE, 1996). Acreditamos que seguindo a trilha deixada por uma abordagem popular e mobilizada das ciências sociais poderemos avançar em direção a métodos da antropologia, da sociologia e da ciência política que abarquem a realidade empírica dos atores populares. Métodos esses que respondam às principais indagações desses atores, de forma dialógica, ética e responsável, reatando razão e sentimento, teoria e prática, atuar e conhecer.

Procurando nos desvencilhar de metodologias analíticas rígidas e estáticas, lançamos mão do Paradigma Indiciário de Carlo Ginzburg para produzir uma análise mais dinâmica e completa da IAP. Sua proposta consiste em um modelo epistemológico “centrado sobre os resíduos, sobre os dados marginais, considerados reveladores” (GINZBURG, 1989, p.149), nos permitindo a compreensão dos detalhes do desenvolvimento de uma abordagem particular. O Paradigma Indiciário aponta para a sensibilidade em apreender elementos reveladores de fenômenos mais gerais, sem recorrer à quantificação ou à generalização: “Se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas - sinais, indícios - que permitem decifrá-la” (Ibidem, p.177). Permite também a possibilidade de abrir o diálogo com outras epistemes, que não aquela cientificista, rígida e positivista dos finais do século XIX. Uma possível abertura ao conhecimento popular, sem renunciar a um “rigor flexível” (Ibidem, p.179).

Desta maneira, procuraremos: i) estabelecer as bases do positivismo científico e algumas de suas limitações metodológicas e epistemológicas; ii) estabelecer as bases do surgimento e os objetivos do método da *Investigação-ação participativa*;

e iii) compreender o desenvolvimento e as adequações desse método frente à realidade dos movimentos anticapitalistas dos anos 1990. Procuraremos seguir os *indícios* de uma importante abordagem metodológica que se rebela à epistemologia cientificista hegemônica, que se abre aos sabores populares e se mobiliza junto a seus principais atores. Acreditamos que os métodos empregados pela investigação militante podem nos instrumentos analíticos para lidarmos com o desafio atual de atuar e conhecer. Uma ciência social *sentipensante* (BORDA, 2009), que compreenda a sociedade ao se movimentar com esta, pode apresentar avanços em direção de uma ciência social mais popular e mobilizada.

## 2 I POSITIVISMO E SUBJETIVIDADE

Podemos encontrar uma das origens da separação entre sujeito e objeto do conhecimento nos pressupostos platônicos sobre a “capacidade de abstração” de indivíduos capacitados (PLATÃO, 2001). Contemporaneamente, os princípios do método científico de René Descartes balizaram o que entendemos hoje por objetividade no campo científico. Para esse, o “livro do mundo” poderia ser conhecido por meio de verdades perceptíveis igualmente a qualquer pessoa (DESCARTES, 2001, p.13). O conhecimento do mundo, portanto, seria concebível por meio de um método científico rígido e conduzido individualmente por cada pessoa. Na forma empregada por Descartes, o método científico requer certo alheamento às condições materiais, um distanciamento que permita ao pesquisador analisar com precisão as verdades estabelecidas racionalmente por meio de razões lógicas. A imbricação lógica entre afastamento e objetividade dado pelo método cartesiano fincou raízes no pensamento europeu do século XVII, e se aprimorou no século XVIII.

O pressuposto do desvínculo entre razão e desejo ganhou robustez com o pensamento kantiano. Kant liberou o sujeito do conhecimento de toda a necessidade de vínculos materiais para alcançar verdades objetivas. O indivíduo foi tomado por sua capacidade inata de conhecer as leis universais da Razão por meio de um método individual (cf. KANT, 2007, p. 75). Respostas para questões como o que é a moralidade, a justiça ou a liberdade deveriam ser encontradas por cada um, segundo suas faculdades racionais inatas, no inquérito de seu próprio espírito. Neste sentido, podemos afirmar que o conhecimento objetivo do mundo se dá, em Kant, por meio de um *self desprendido* (*disembedded*), alheio às condições sociais que o levaram a adquirir os valores que expressa, como se estes fossem elaborados *ex nihilo* (cf Taylor, 1997, p.37).

Este sujeito do conhecimento que busca verdades absolutas por meio de um método lógico-racional rígido, desprendido e individualizado, é o cerne do método científico desenvolvido durante todo o século XVIII. A sociologia, disciplina surgida

durante o século XIX, nasce como tentativa de produção de uma ciência positiva sobre a sociedade, procurando a objetividade de seus métodos nas ciências naturais. Desde a necessidade em lidar com fenômenos coletivos como “fatos sociais” em Durkheim (1990), à preocupação com a neutralidade axiológica na produção de resultados objetivos na sociologia compreensiva (WEBER, 2000), as ciências sociais nasceram com a crença na possibilidade de atingir um conhecimento objetivo e neutro, por métodos generalizáveis, independentes do pesquisador. Com isso passaram a ver saberes tradicionais como elementos inferiores e “primitivos”, como na antropologia evolucionista e funcionalista, e o conflito social, a desigualdade e a opressão como um “desvio” para a harmonia social, como na sociologia do conflito (BECKER, 2008).

Durante os anos 1960 alguns desses elementos foram retomados nos Estados Unidos no que ficou conhecido como Revolução Behaviorista (LESSA, 2011, p.20). Dentre as ciências sociais, a ciência política foi a maior influenciada por esta abordagem, fato ocorrido também em diversos outros países, e particularmente, pesou sobre a formação desse campo no Brasil (MOREIRA, 2012). Em nossa perspectiva nacional, esse movimento gerou algumas consequências, como a desfiliação do pensamento político anterior, de “tradição ensaísta”, fortíssimo até então e classificado, doravante, como não-científico (LESSA, 2011). O *mainstream* das ciências sociais passa a absorver os preceitos da teoria da escolha racional (ou, *rational choice*), na qual os indivíduos são tomados a partir de uma lógica pragmática e individualista, que atuam em função de uma maximização dos ganhos e eficácia dos resultados. É operada uma verdadeira ruptura com as linguagens das humanidades.

“Essa “refundação” consistiu na afirmação de quatro princípios básicos: 1) devoção às ciências duras; 2) busca pela objetividade do conhecimento; 3) confiança na análise formal; 4) aversão às ideologias e anseio de “pureza disciplinar” [...]. A “refundação” fez com que essas áreas perdessem uma disposição de função pública e de maior interlocução com a sociedade, caracterizando-se, doravante, por valorizar mais os marcadores internos de “qualidade” da ciência, como expressos pelo crescente profissionalismo na área (via o treinamento sistemático dos estudantes nas disciplinas específicas) e pela autonomia acadêmica (e não segundo os parâmetros de uma cultura humanista e transdisciplinar como ocorria mais anteriormente)” (MOREIRA, 2012, p.77).

As agências de fomento e a “comunidade epistêmica” (LESSA, 2011, p.29) exerceram um papel importante na difusão desta forma específica de lidar com as ciências humanas. Enquanto as primeiras, como a Fundação Ford, podem distinguir os estudos que merecem o seu investimento, a segunda pôde também privilegiar os estudos que absorvem esta forma particular de ciência social, tornando o campo,

cada vez mais, um círculo fechado de pesquisadores. O axioma behaviorista reifica as relações desiguais de poder vigente na sociedade, reafirmando-as como inexoráveis, e distancia ainda mais as ciências humanas desta mesma sociedade, a qual deveria ser tomada como público-alvo.

As críticas ao positivismo dentro das ciências sociais podem ser tecidas por meio de alguns elementos cruciais, como: a inscrição de classe dessa corrente, e a função exercida pela ciência social na sociedade. Em Gramsci, inscrição de classe e a função do intelectual são dois elementos do mesmo fenômeno, cada classe produz seu próprio tipo de intelectual: o “intelectual orgânico”, que confere inteligibilidade de sua função econômica na sociedade (GRAMSCI, 1982, p.9). Deste modo, as diversas correntes intelectuais são vinculadas a “visões sociais de mundo” (LÖWY, 1982), estão inevitavelmente inscritas no âmbito da classe social. Afirmar a sua neutralidade é o mesmo que negar a função de conservação ou transformação das relações sociais que as categorias e análises podem nos fornecer, portanto, tanto o método quanto o conteúdo produzem efeitos na realidade prática que procuram conhecer.

Deste modo, devemos nos indagar quais são os “efeitos de poder” produzidos por essas linhas de pensamento, quanto formação de verdade, dentro de uma sociedade marcada por profundas assimetrias de poder. Apesar de suas disputas ideológicas internas, a forma de produção de conhecimento acadêmico se supõe hierarquicamente superior ao conhecimento popular, o que dificulta a abertura do diálogo com outras formas de saber. A universidade faz parte de uma extensa cadeia de instituições responsáveis por manter o controle, a formação, a valorização e a vigilância, por meio do agrupamento e do isolamento dos indivíduos, e da localização de seus corpos para obter desses a utilização máxima de suas forças (FOUCAULT, 1997). A academia é uma das instituições responsáveis pela produção de verdade que legitima esta engrenagem. O conhecimento, portanto, é resultado das assimetrias de poder e por elas é formado: “por trás de todo saber, de todo conhecimento, o que está em jogo é uma luta de poder” (FOUCAULT, 2002, p.51).

“Um novo saber, de tipo totalmente diferente, um saber de vigilância, de exame, organizado em torno da norma pelo controle dos indivíduos ao longo de sua existência. Esta é a base do poder, a forma de saber-poder que vai dar lugar não às grandes ciências de observação como no caso do inquérito, mas ao que chamamos ciências humanas: Psiquiatria, Psicologia, Sociologia, etc.” (FOUCAULT, 2002, p.88).

O poder produz saber e vice-versa. Conscientes da *função* do intelectual em fazer funcionar as engrenagens desta sociedade, e legitimar o seu funcionamento, podemos compreender: o que está em jogo não é só o conteúdo do que se produz, mas *como se produz, com quem e para quem*. A validade da episteme oficial é

o silenciamento de inúmeras outras, desvalorizadas, criminalizadas, silenciadas. Importa ao pesquisador, tanto conhecer seu lugar na sociedade, quanto compreender que sua produção faz parte do jogo de poder nesta. Se faz crucial entender que o papel público do intelectual (SAID, 2005) pode ser exercido com toda a criticidade que o exige, o que é inseparável da conexão com as experiências de luta e com a realidade social nos contextos em que se vive e se pesquisa. A procura por uma ciência social *comprometida* passa pela ruptura com a concepção de um sujeito esvaziado do pensamento ocidental (SPIVAK, 2010), atomizado, pretensamente imparcial e alheio aos vínculos étnicos, comunitários, classistas e de gênero.

### 3 I AS CORES DA INVESTIGAÇÃO-AÇÃO PARTICIPATIVA

A conjuntura internacional pós-segunda guerra mundial foi marcada pela emergência de dois tipos de *movimentos anti-sistêmicos*: movimentos anti-imperialistas de libertação nacional pela Ásia e África, e por movimentos socialistas e comunistas por todo o terceiro mundo (WALLERSTEIN, 2004). Esse último tipo ocorreu por toda a América Latina pelas décadas de 50 e 60, em diversos casos, como: a tentativa de revolução socialista na Bolívia em 1952, as medidas anti-imperialistas na Guatemala em 1954, a Revolução Cubana em 1959, o movimento constitucionalista na República Dominicana em 1965, até o triunfo de Allende no Chile em 1970 (BORDA et alii, 1972, p.8). Por outro lado, os Estados Unidos atuaram para desmantelar essas iniciativas em sua área de influência, de todas as formas, inclusive nas áreas cultural e educativa. Não somente desenvolvendo seu próprio campo de estudo sobre esses países, mas também financiando pesquisas que correspondessem aos valores desejados.

Houve uma reestruturação das ciências sociais nesses países e um rápido processo de modernização graças às agências de fomento e às grandes corporações. No Brasil, nas palavras de Renato Lessa: “Para além dos impactos regressivos e repressivos, o novo “regime” reestruturou progressivamente o ambiente institucional da ciência brasileira” (LESSA, 2011, p.34). Nesse contexto se deu a recepção de pressupostos de neutralidade axiológica, de valorização dos métodos quantitativos e de preocupação maior com a “administração” ou com os processos institucionais - e menos com o Estado. Esses e os demais valores da já citada Revolução Behaviorista foram recebidos no Brasil em um contexto autoritário e com influência crescente das instituições estadunidense, notadamente a Fundação Ford. As ciências sociais foram consolidadas institucionalmente quanto campo científico e afastadas cada vez mais das preocupações geradas pelas mobilizações populares.

Contrariamente a esta reestruturação de orientação conservadora alguns intelectuais latino-americanos procuraram atrelar as disciplinas das ciências sociais

às mobilizações sociais e políticas que ocorriam em seus países, a favor de uma “ciência social comprometida” (BORDA, 2009, p.377). Com esse objetivo, Orlando Fals Borda fundou, juntamente a Camilo Torres, sacerdote pioneiro na Teologia da Libertação, uma das primeiras faculdades de Sociologia na América Latina, na *Universidad Nacional de Colombia*. Vinculado à *Frente Unido del Pueblo* entre 1964 e 1965 na Colômbia, Fals Borda buscou a construção de um método investigativo que colocasse a produção de conhecimento científico a serviço das mobilizações populares.

A Investigação-ação Participativa (IAP) procurou colocar a ciência a “serviço da causa popular”, e prover “um meio de afiançar e dinamizar as organizações autenticamente populares, e equipando-as ainda melhor para lograr seus objetivos”<sup>1</sup> (BORDA et alii, 1972, 21). Dentro de uma perspectiva de, não só conhecer, mas também *transformar* o mundo (MARX, 2001, p.103). Outras abordagens participativas se desenvolviam pelo mundo, como a *conricerca* (co-investigação), no movimento operáista italiano, durante os anos 60 (BARTHOLL, 2018, p.82) e o Instituto de Ação Cultural, fundado no exílio por Paulo Freire durante os anos 70 (JAUMONT & VARELLA, 2016). Os pesquisadores da IAP almejavam refinar estes métodos, como a inserção, e despi-los de posturas que não respeitassem as visões próprias dos grupos envolvidos no processo de produção de conhecimento.

“La inserción se concebía como una técnica de observación y análisis de procesos y factores que incluye, dentro de su diseño, la militancia dirigida a alcanzar determinadas metas sociales, políticas y económicas. [...] Al mismo tiempo la inserción, como técnica, incorpora al investigador a los grupos populares, ya no en la antigua relación explotadora de “sujeto y objeto”, sino valorando el aporte de los grupos en cuanto a información e interpretación, y con el derecho que ellos tienen al uso de los datos y de otros elementos adquiridos en la investigación. [...] En esencia, estas técnicas – como otras que pueden ir-se desarrollando más adelante - vienen a constituir así un método especial, el método de estudio-acción, cuyo objeto es aumentar la eficacia de la práctica política y brindar fundamentos para enriquecer las ciencias sociales que coadyuven al proceso” (BORDA et alii, 1972, p.24 e 25).

Fals Borda e os investigadores da IAP procuravam se desvencilhar de concepções vanguardistas que procuravam impor uma doutrina correta aos movimentos, desrespeitando a autenticidade do conhecimento dos grupos em cujo benefício se diz atuar. Isto ocorre, por exemplo, quando um ativista se insere na comunidade “esperando agudizar conflitos e acentuar contradições, adotando um papel de mecânico das forças sociais que crê estar entendendo”<sup>2</sup> (Ibidem, p.30),

1 Tradução livre: “Al servicio de la causa popular [...] un medio de afianzar y dinamizar las organizaciones autenticamente populares, equipándolas aún mejor para lograr sus objetivos”.

2 Tradução livre: “Esperando agudizar conflictos y acentuar contradicciones, adoptando un papel de mecánico de las fuerzas sociales que cree estar entendiendo”.

mas sem verificar se as massas mesmas estão em condições de produzir as ações consideradas necessárias no momento oportuno. A *investigação militante* deve se alterar conforme os elementos da prática do grupo em que se trabalha, da correlação de forças atual e das perspectivas de mudança.

Alguns pontos serão cruciais para se atingir um resultado adequado para o método que nomeia “investigação militante” (Ibidem, p.33). Primeiro, é necessário manter um *compromisso ético*. Os grupos estudados não devem ser “saqueados” do tesouro de sua cultura e experiência, antes devem ser valorizados quanto sujeitos da investigação, com seus próprios modos de aprendizado, sobrevivência e defesa, assim como sua própria base cultural e ideológica. Além disso, a investigação deve possuir utilidade prática, seus resultados devem ser claros e falar idioma mais claro e honesto do que se é acostumado na academia. A utilidade dos instrumentos cognitivos em gerar maior clareza e eficácia na prática política será testada e avaliada na prática. Ao mesmo tempo, procura-se produzir um *incentivo* à “utilização dinâmica e realista dos recursos que oferecem a memória coletiva e a infraestrutura organizativa” (Ibidem, p.53) das classes populares. Ou seja, dinamizar a atuação do movimento. Para tanto, a autonomia dos atores coletivos deve estar no centro da prática investigativa.

No mesmo período, Paulo Freire construía as bases da pedagogia do oprimido, o método de educação como prática de liberdade junto aos oprimidos (FREIRE, 1987). Por meio de uma práxis libertadora, isto é, ação e reflexão no mundo para transformá-lo, a pedagogia do oprimido torna a opressão e suas causas objeto de reflexão e atua para a libertação da situação concreta que a produz. Ação e reflexão fazem parte de uma mesma busca pela libertação, recuperação da humanidade, tanto para o opressor, quanto para o oprimido, pelo trabalho livre e pela desalienação. A tarefa radical de superação da contradição opressor-oprimido exige “a inserção crítica dos oprimidos na realidade opressora”, ou seja, conhece-la e atuar sobre ela (FREIRE, 1987, p.25).

Naturalmente, o método da Investigação-ação Participativa de Borda sofreu modificações ao longo do tempo, assim como os movimentos que forneceram seus marcos referenciais de luta. Em meados dos anos 60, uma desilusão massiva com os governos socialistas e nacionalistas que chegaram ao poder produziu ondas de renovação nos movimentos *anti-sistêmicos* (WALLERSTEIN, 2004). No contexto da Revolução Cultural Chinesa de 1966, o maoísmo buscou unir a direção às necessidades e aspirações da massa, e fazer com que “as massas compreendam e dominem cada movimento e cada luta” daquela (TSÉ-TUNG, 2012, p.12). Esse é o contexto dos primeiros escritos da IAP. Após a morte de Mao, esta variante do marxismo deixou de ser uma alternativa, e principalmente após 1968, as mobilizações sociais passam a ser cada vez mais influenciadas por perspectivas



liberais e libertárias. A autonomia passa a ser uma referência cada vez mais forte para os movimentos anti-sistêmicos, enquanto o conceito de massa é progressivamente abandonado.

“En lo que respecta a América Latina no es posible explicar su aparición ni captar su sentido por fuera del contexto del desarrollo económico, social y científico de la región a partir del decenio de 1960. [...] Ahora vemos a la IAP como una metodología dentro de un proceso vivencial (un ciclo productivo satisfactorio de vida y trabajo en las comunidades) en busca de “poder” y no tan sólo de “desarrollo” para los pueblos de base, un proceso que incluye Simultáneamente educación de adultos, investigación científica y acción política, en el cual se consideran el análisis crítico, el diagnóstico de situaciones y la práctica como fuentes de conocimiento. La IAP implica adquirir experiencias e información para construir un poder especial —el poder popular— que pertenezca a las clases y grupos” (BORDA, 1986, p.15).

A preocupação em “incentivar” as comunidades a atuar contra as relações de subordinação em que estão inseridas se manteve e a partir dos anos 80 e 90, passou a contar com influências cada vez maiores de uma “contra-corrente intelectual autônômica” (BORDA, 2009, p.367). Esta trouxe consigo novos elementos, entre os quais: a autogestão, a democracia participativa e a atuação em rede de organismos participativos de base. Outro fenômeno intelectual foi o desenvolvimento de um conhecimento vivencial, *sentipensante*, em diálogo permanente com epistemologias populares dos povos latino-americanos (MONCAYO, 2009, p. 9 e 10), sobre nossas sociedades tropicais e subtropicais, por meio de informação fresca sobre os setores destas. Nestas décadas, avançamos na direção a um conhecimento menos dogmático, mais flexível e dialógico, capazes de produzir soluções próprias para nossos próprios problemas.

#### **4 I SABERES EM MOVIMENTO: SOBRE OUTRAS CARTOGRAFIAS**

A partir dos anos 70 se desenvolveram novos repertórios de ação coletiva, chamados de “Novos movimentos sociais”, distintos dos padrões tradicionais de atuação de sindicatos e partidos de esquerda. Com o fim do “Interlúdio Comunista” (WALLERSTEIN, 2002, p.11) e a partir dos anos 90, uma “segunda geração” desses novos movimentos sociais produziram uma “virada libertária”, com a revalorização de práticas como: horizontalidade, democracia direta, busca pelo consenso, autonomia e autogestão (SOUZA, 2012, p.25). Uma das principais fontes desta “virada” foi o levante zapatista de 1994, o qual provou toda a capacidade dos povos originários em produzir suas epistemologias próprias e meios alternativos de mobilização. Desencadeando movimentos libertários por todo o continente, como o movimento argentino de assembleias populares e ocupação de fábricas.

As etimologias populares passaram ao primeiro plano, não mais dependendo de uma “tradução” pelos cientistas sociais, mas produzindo seus próprios saberes, de suas próprias maneiras. A Frente Zapatista de Libertação Nacional (FZLN) trouxe ao mundo um novo patamar de movimento, atrelado à demanda histórica por território e autonomia<sup>3</sup>. Compreendendo um grande território no estado de Chiapas, povos indígenas e não-indígenas organizaram toda uma vida autônoma, gerindo por seus próprios meios: saúde, transporte, segurança, alimentação, educação, e produzindo suas próprias *geografias* e suas próprias *cartografias* (SUBCOMANDANTE MARCOS, 2008).

Entre 1996 e 2003 a construção dos municípios zapatistas se deu em silêncio. A partir desse ano, todavia, os zapatistas inauguraram um novo ciclo<sup>4</sup>, e passaram a aceitar a produção de documentos públicos e conhecimentos sobre sua experiência, não sem antes estabelecer mecanismos de controle. Um longo histórico de análises científicas - em suma, antropológicas de cunho etnológico - utilizadas para assimilação dos povos indígenas e estudos que serviram à contra-insurgência deveria ser ponderado. A própria investigação necessariamente teve que se converter em elemento de análise. As investigações de Mariana Bayo com mulheres em território zapatista passaram pelo crivo de espaços decisórios, como as assembleias das comunidades, que definiram e redefiniram os termos da pesquisa, assim como participaram da avaliação e análise de seu estudo (BAYO, 2011).

Descolonização e democratização do conhecimento passam, inexoravelmente, pela compreensão das desigualdades e assimetrias entre pesquisador e as pessoas estudadas, entre oralidade e documentação. Uma tal divisão do trabalho acaba reproduzindo desigualdades sustentadas em posicionamentos de classe, étnico-raciais e de gênero. A autorreflexão e o diálogo nos espaços deliberativos sobre os métodos investigativos que se usa, mantendo-se atento às tensões e contradições, “permite entender como se estão questionando, revertendo e enfrentando [...] trabalhar desde as contradições pode levar a transformar as fronteiras que dividem”<sup>5</sup> (BAYO, 2011, p.88). A conscientização das assimetrias de poder, dentro e fora das comunidades, foi trabalhada e construída em sua investigação por meio de *oficinas de reflexão*, um método caro à investigação participativa e também à educação popular.

As oficinas de autorreflexão puderam gerar conscientização das histórias por

---

3 O território reflete uma demanda histórica dos povos indígenas e, por meio das migrações, se tornou uma demanda nas regiões periféricas dos grandes centros urbanos latino-americanos, pelo respeito aos seus modos próprios de vida, em seus próprios territórios. Ver: ZIBECHI, 2015.

4 Ciclo este que culminou, junto com outros movimentos sociais mexicanos, no lançamento da Outra Campanha. Para uma melhor apresentação sobre a experiência zapatista e seus modelos de governança e mobilização, ver: ORNELAS, 2005.

5 Tradução livre: “permite entender cómo se están cuestionando, revirtiendo y enfrentando. [...] trabajar desde las contradicciones puede llevar a transformar las fronteras que dividen”.

parte das próprias mulheres zapatistas. Sua riqueza consiste em produzir categorias analíticas em diálogo com o movimento, e não de forma impositiva ou vanguardista. A introdução de métodos da educação popular aponta para uma resolução parcial do problema do resultado material, que não necessariamente precisa ser em forma escrita, mas deve ser inteligível e útil ao movimento que se abriu à investigação militante (BORDA et alii, 1972). Os interesses dos próprios movimentos sociais devem ser levados em conta em todos os momentos de uma investigação-ação verdadeiramente ética. Ao despir-se da pretensão de neutralidade - ainda que não de objetividade - o pesquisador pode se aproximar do ator social, conferindo maior lucidez às suas ideias.

Neste sentido, Andrés Aubry ressalta que abandonar a pretensão de neutralidade axiológica permite uma concepção realista e objetiva das condições sociais: “toda investigação responsável é também uma investigação-ação” (AUBRY, 2007, p.4.), pois ao procurar compreender um problema, deve inquirir também a resolução deste. É desta maneira que o sociólogo francês e assessor do movimento zapatista argumenta que uma análise realista deve ser *multidimensional*, ou seja, deve estar atenta às rupturas e às escolhas históricas, que nos levaram à situação presente de nossos povos: “Cada realidade social nasce, cresce e morre, e suas sucessoras surgem de bifurcações dramáticas que são por sua vez rupturas e criações”<sup>6</sup> (Idem). Portanto, os métodos de “estudo de caso” da sociologia, ou os “estudos de comunidade” antropológicos devem estar conscientes da contextualização histórica e espacial de seu povo.

“El encuentro del investigador y del actor social es siempre transformador (de ambos y de la realidad observada y analizada, porque el conocimiento se construye al fragor de la lucha), puede obligar a desaprender lo aprendido y reajustar la praxis. [...] El sueño sería que el científico social [...] llamado por este actor colectivo a un encargo y un compromiso de dimensión social (comunitaria o intercomunitaria, sea ésta rural o urbana). Así como el mando zapatista manda obedeciendo, o como el maestro freiriano enseña aprendiendo, así el científico social de abajo investiga escuchando (u observando) y resuelve investigando” (AUBRY, 2007, p.5).

Deste modo, há a possibilidade de um diálogo produtivo entre intelectuais e atores, e de uma troca entre ciência e prática social, ao se *investigar resolvendo*. Pois, se conhece fazendo, ou observando o que se faz: “A intervenção sobre o real é cognitiva, a ação monitora a investigação, a investigação fertiliza a ação”<sup>7</sup> (AUBRY, 2011, p. 64 e 65). Outro ponto importante é romper com a visão dos movimentos

6 Tradução livre: “Cada realidad social nace, crece y muere, y sus sucesoras surgen de bifurcaciones dramáticas que son a la vez rupturas y creaciones”.

7 Tradução livre: “Investiga resolviendo [...] La intervención sobre lo real es cognitiva, la acción monitorea la investigación, la investigación fertiliza la acción”.

sociais como somente detentores de um “saber-fazer”, de somente uma prática. Há um forte *papel cognitivo* da luta social, e por isso os movimentos competem com os intelectuais na produção de conhecimento, porque “desde a luta forja conceitos às vezes tão transcendentais que se convertem em valores pelos quais se arrisca a vida: os direitos humanos, a pátria, a soberania nacional, o povo, a terra, etc”<sup>8</sup> (Ibidem, p.66).

Portanto, para se lograr êxito nas intervenções, investigação e ação devem ser compreendidas como categorias que se produzem coletivamente. Como enfatizamos até aqui, as epistemologias mobilizadas pelos intelectuais são forjadas exatamente nessas mobilizações coletivas. Inexoravelmente, o intelectual se encontra sempre inscrito na realidade que observa. Sendo o cientista espectador desta realidade, ao descrevê-la torna-se também ator, pois “quem mede modifica o medido” e por isso, há uma impossibilidade em ser neutro. A informação sobre a realidade intervém nesta, e não pode ser diferente com as ciências humanas, por isso mesmo toda ciência social carrega consigo uma ética (FREIRE, 1996) e uma responsabilidade para com os atores sociais que descreve e dialoga.

“Ante el espectáculo colectivo de la vida, natural o social, no se conforma con sólo mirar porque sus instrumentos disciplinarios convierten el espectáculo en observación diligente. Pero es también actor porque sus mediciones y las informaciones que cosecha son ya una intervención, es decir, un acto que conlleva consecuencias que afectan la interlocución de la ciencia con la realidad –aceptar este diálogo, con la situación concreta en que se da, es ya una opción, una iniciativa electiva que crea responsabilidades. [...] En el acto científico, “la información se transforma en acción”. La observación o el espectáculo, como cualquier espejo, no son neutrales. Un mirar o un mirarse, si no son narcisistas, se convierten en arreglo correctivo, acarrear cambios que responsabilizan, inevitables compromisos en los que se volatiliza la imposible neutralidad, aun cuando el dilema no excluye la obligación ni las precauciones de la objetividad” (AUBRY, 2011, p.71.).

Deste modo, a investigação-ação representa uma opção em assumir, de forma consequente, as condições sociais em que se está inserido - como cientista ou militante - admitindo, de forma ética, as consequências de sua investigação. Uma abordagem desse tipo deve ser multidisciplinar, para compreender as diferentes dimensões sobre a realidade em que se inscreve e pesquisa, e deve abordar a *sabedoria popular* como uma destas disciplinas, com o mesmo potencial explicativo que as demais. Esta possui seus próprios enfoques e prioridades, seus métodos, seus critérios, seu vocabulário particular, o que permite falarmos de um calendário

---

8 Tradução livre: “desde la lucha, forja conceptos a veces tan trascendentes que se convierten en valores por los cuales se arriesga la vida: los derechos humanos, la patria, la soberanía nacional, el pueblo, la tierra, etcétera”.

e uma geografia própria, desenvolvida desde baixo, pelos povos que lutam por sua autonomia (SUBCOMANDANTE MARCOS, 2008). Uma *sociedade em movimento*, que forja seus próprios meios de luta e que só pode encontrar verdadeiro diálogo e troca com uma ciência social descolonizada.

Uma investigação que se propõe ética e comprometida com o desenvolvimento da autonomia em ambas as partes não pode encontrar outra forma, que não a dialógica (FREIRE, 1996). Uma outra forma de se fazer ciência, reconciliando-a com a prática social, sem renunciar a seus recursos de investigação, e popular porque “se socializa, isto é, se devolve aos atores como instrumento de luta”<sup>9</sup>. Um ato-compromisso científico, enriquecido pela realidade social em que é concebido e que se proponha a transformá-la, junto aos demais atores nela envolvidos. O saber é sempre imparcial, incompleto, “inserido em um permanente movimento de busca” (FREIRE, 1996, p.28) e por isso só pode ser satisfeito em coletivo, co-participado, na assunção de cientistas e atores sociais quanto sujeitos históricos.

## 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação participativa e militante encontrou diferentes formas, aplicações e usos nos diferentes países e épocas que foi utilizada, inclusive pela necessidade de se reinventar criativamente e fomentar a libertação autônoma no seio das realidades locais. Focamos aqui na experiência colombiana em torno da figura de Orlando Fals Borda nos anos 1960 e sua influência por todo o continente latino-americano nas décadas seguinte, como no movimento *Situaciones* na Argentina, o ALFORJA na Costa Rica ou a RED ALFORÍA nos países da América Central (JAUMONT & VARELLA, 2016) e nos inúmeros autores que colaboraram com a Frente Zapatista de Libertação Nacional.

Seguindo o caminho trilhado pela Investigação-ação Participativa desde seu limiar nos anos 60 e 70 até a sua releitura nos anos 90, foi-nos possível compreender os objetivos de uma ciência social *comprometida*, que buscou a produção de um conhecimento útil, sempre em diálogo com os movimentos sociais. Suas mudanças espelharam alterações dos próprios movimentos sociais, assim como um refinamento de seu método, na direção do diálogo não-hierarquizado e do respeito à autonomia dos *povos*. Acreditamos que abordar uma metodologia participativa e militante de tal envergadura pode nos levar além na discussão sobre os pressupostos teóricos abordados em nossas principais universidades.

Uma perspectiva ética e dialógica, na qual o pesquisador e o educador assumem seu papel quanto sujeito da história ainda pode representar um enriquecimento do processo educativo e investigativo (FREIRE, 1996). Levar

---

9 Tradução livre: “porque se socializa, es decir, se devuelve a los actores como instrumento de lucha”.

a pesquisa para fora dos muros da universidade e dialogar com os movimentos que já produzem conhecimentos próprios em seus territórios nos permitem atuar melhor sobre a realidade social em que estamos inseridos com consciência e responsabilidade sobre as epistemologias que mobilizamos. Para tanto, métodos como o estudo de campo e a etnografia deverão ter seus pressupostos básicos revistos. Deste modo, dialogar com os saberes populares é crucial, se desejarmos produzir uma ciência social acessível, útil e interessante para os atores populares envolvidos diretamente nos problemas que abordamos.

A democratização do conhecimento passa não só pela inclusão dos setores populares nas universidades, mas também pelo diálogo no mesmo patamar entre a produção de conhecimento acadêmico e a sabedoria popular. Uma “democracia intelectual” (AUBRY, 2011, p.75) que possibilite o diálogo no mesmo nível entre intelectuais e atores populares - cada um com ferramentas teóricas e etimologias próprias - ambos preocupados com a transformação das relações sociais em direção à libertação das opressões – econômicas, sociais e culturais - com as quais convivemos. Como vimos, o desejo e o respeito pela emancipação autônoma dos sujeitos coletivos é o que permite o diálogo não-hierarquizado e, portanto, o resultado desejado no método participativo e militante. Este movimento dialógico permite atuar com ferramentas de uma ciência social ao mesmo tempo, objetiva, mas também “intelectualmente honesta” (SOUZA, 2015, p.38) e a serviço das lutas populares.

## REFERÊNCIAS

- AUBRY, Andrés. **Los intelectuales y el poder**. Otra ciencia social. Seminario post Oventic. CIDECI-UNITIERRA. San Cristóbal de las Casas, México. Enero, 2007.
- AUBRY, Andrés. Otro modo de hacer ciencia. Miseria y rebeldía de las ciencias sociales. In: BARONNET et alii. (coord.). **Luchas “muy otras”**. Zapatismo y autonomía en las comunidades indígenas de Chiapas. México: Universidad Autónoma Metropolitana, CIESAS y Universidad Autónoma de Chiapas, 2011.
- BARTHOLL, Timo. **Por uma Geografia em Movimento**. A ciência como ferramenta de luta. Rio de Janeiro: Consequência, 2018.
- BAYO, Mariana Mora. Producción de conocimientos en el terreno de la autonomía. La investigación como tema de debate político. In: BARONNET et alii. (coord.). **Luchas “muy otras”**. Zapatismo y autonomía en las comunidades indígenas de Chiapas. México: UAM, CIESAS y Universidad Autónoma de Chiapas, 2011.
- BECKER, Howard S. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

BORDA, Orlando Fals; BONILLA, Victor D; CASTILLO, Gonzalo; LIBREROS, Augusto. **Una metodología del conocimiento científico a través de la acción**. Bogotá: Publicaciones de la Rosca, 1972.

BORDA, Orlando Fals. **Conocimiento y poder popular, lecciones con campesinos de Nicaragua, México e Colombia**. Bogotá: Siglo XXI, 1986.

BORDA, Orlando Fals. El tercer mundo y la reorientación de las ciencias contemporáneas. In: \_\_\_\_\_. **Una sociología sentipensante para América Latina**. Bogotá: Siglo Del Hombres/CLACSO, 2009.

DAMATTA, Roberto. A antropologia no quadro das ciencias sociais. In: \_\_\_\_\_. **Relativizando: uma introdução à antropologia**. Petrópolis: Vozes, 1981.

DESCARTES, René. **Discurso do Método**. Tradução: Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. Tradução: Maria Isaura Pereira de Queiroz. São Paulo: Editora Nacional, 1990.

FOUCAULT, Michel. A sociedade punitiva. In: \_\_\_\_\_. **Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997

FOUCAULT, Michel. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais**. Morfologia e história. Tradução: Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a Organização da Cultura**. 4ª Ed. Tradução: Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

JAUMONT, Jonathan e VARELLA, Renata Versiani Scott. **A Pesquisa Militante na América Latina: trajetória, caminhos e possibilidades**. In: Direito & Práxis. Rio de Janeiro, Vol. 07, N. 13, 2016 p. 414--464.

KANT, Immanuel. **Fundamentação da metafísica dos costumes**. Tradução: Paulo Quintela. Edições 70: Lisboa, 2007.

LESSA, Renato. **Da interpretação à ciência: por uma história filosófica do conhecimento político no Brasil**. Lua Nova. São Paulo, n.82, pp.17-60. 2011.

LÖWY, Michel. **As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen**. Marxismo e positivismo na sociologia do conhecimento. 7ª Ed. São Paulo: Cortez, 2000.

MARX, Karl. Teses sobre Feuerbach. In: MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. Tradução: Luis Claudio de Castro e Costa. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MONCAYO, Victor Manuel. Presentación Fals Borda: Hombre hicoetea y sentipensante. In: BORDA, Orlando Fals. **Una sociología sentipensante para América Latina**. Bogotá: Siglo Del Hombres/CLACSO, 2009.

MOREIRA, Marcelo Sevaybricker. **O debate teórico-metodológico na ciência política e o pensamento social e político brasileiro**. Teoria & Pesquisa: Revista de Ciências Sociais, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 73-89, jan./jun. 2012.

ORNELAS, Raúl. A autonomia como eixo da resistência zapatista. Do levante armado ao nascimento dos caracoles. In: CECEÑA, Ana Esther. **Hegemonias e emancipações no século XXI**. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales. Julio 2005.

PLATÃO. Livro VII. In: \_\_\_\_\_. **A República**. São Paulo: Abril, 2001.

REBOUÇAS, William Bueno. **Autonomia e Mobilização**: Por uma estratégia alternativa para os movimentos sociais. Monografia (graduação). Departamento de Ciência Política. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Rio de Janeiro, 2014.

REBOUÇAS, William Bueno. **Florescimento autônomo em territórios periféricos do Rio de Janeiro**: Pelos caminhos da Comunidade Popular Chico Mendes. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Ciência Política. Universidade Federal Fluminense (UFF). Niterói, 2017.

ROJAS, Carlos Antonio Aguirre. **Movimientos Antisistémicos**: historia y evolución del concepto. UNAM. México: Ciudad de México, Marzo de 2010.

SAID, Edward W. **Representações do intelectual**: As conferências de Reith de 1993. Tradução: Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Geografia**: A hora e a vez do pensamento libertário. Boletim Gaúcho de Geografia, 38: 15-34, maio, 2012.

SOUZA, Marcelo Lopes de. Os apoiadores acadêmicos dos movimentos sociais: Seus papéis, seus desafios. In: \_\_\_\_\_. **Dos espaços de controle aos territórios dissidentes**. Escritos de divulgação científica e análise política. 1. ed. Rio de Janeiro: Consequência, 2015.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

SUBCOMANDANTE INSURGENTE MARCOS. **Nem o centro e nem a periferia** – sobre cores, calendários e geografias. Coletivo Protopia S.A. e Danilo Ornelas Ribeiro, tradução. Porto Alegre: Deriva, 2008.

TAYLOR, Charles. **As fontes do self**. A construção da identidade coletiva. São Paulo: Edições Loyola, 1997.

TSE-TUNG, Mao. **Livro Vermelho**: Citações do comandante Mao Tsé-Tung. São Paulo: Martin Claret, 2012.



WALLERSTEIN, Immanuel. **Conocer el mundo, saber el mundo**: El fin de lo aprendido, una ciencia social para el siglo XXI. México: Siglo XXI, 2002.

WALLERSTEIN, Immanuel. **Las nuevas rebeliones antisistémicas**: ¿Un movimiento de movimientos?. Revista Contrahistorias. La otra mirada de Clío, México, 2004 V1 N1 sep-feb pp. 77-86.

WEBER, Max. A Ciência como vocação. In: \_\_\_\_\_. **Ciência e política**. Duas vocações. 16ª ed. Tradução: Leônidas Hegenberg e Octany Silveira da Mota. – São Paulo: Editora Cultrix, 2000.

ZIBECHI, Raúl. **Autonomías y emancipaciones**. América Latina en movimiento. Lima: UNMSM, 2007.

ZIBECHI, Raúl. **Territórios em resistência**: cartografia política das periferias urbanas latinoamericanas. 1ª. Ed. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2015.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Aperfeiçoamento 40, 45, 46, 72

Aprendizagem complexa 78, 79

### B

Brasileiro nativo 144

### C

Cariri Cearense 128, 129, 130, 133, 134, 139

Conquista 1, 5, 17, 144, 145, 148, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 159, 174

### D

Decolonialidade 128, 132, 133, 142, 144, 145, 151, 155

Diretrizes curriculares nacionais 52, 53, 56, 65, 66, 70, 71, 72, 74, 75, 76, 77

Diversidade de gênero 163, 166

Diversidade sexual 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 174, 175, 177

### E

Educação 1, 2, 3, 4, 5, 9, 10, 12, 14, 15, 17, 18, 19, 21, 22, 25, 26, 29, 30, 35, 40, 43, 45, 46, 48, 50, 51, 56, 57, 58, 62, 63, 65, 68, 71, 72, 75, 76, 78, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 118, 120, 121, 141, 163, 165, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 176, 200, 211, 220, 221, 239, 246, 276

Ensino de psicologia 52

Erveiras 128, 129, 131, 132, 134, 135, 140, 141

Escola 4, 9, 14, 19, 22, 28, 29, 30, 32, 33, 34, 36, 38, 58, 75, 100, 102, 160, 163, 164, 165, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 179, 192, 244, 257, 274, 275

Estudantes 4, 15, 22, 28, 30, 31, 38, 62, 71, 78, 79, 110, 114, 167

### F

Formação 1, 3, 4, 5, 10, 11, 15, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 25, 36, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 97, 98, 100, 103, 105, 108, 114, 115, 130, 138, 144, 145, 146, 147, 149, 150, 151, 152, 154, 155, 156, 163, 169, 171, 186, 189, 194, 196, 204, 207, 210

Formação do psicólogo 52, 54, 57, 63, 72, 76, 77

## H

Homofobia 168, 169, 171, 173, 174, 175, 176, 177, 178

## I

Identidade 1, 3, 4, 8, 9, 11, 12, 15, 16, 25, 26, 28, 31, 35, 36, 37, 38, 39, 43, 68, 99, 103, 105, 126, 131, 133, 134, 176, 182, 183, 187, 188, 189, 191, 192, 210, 265

Identidade docente 1, 3, 4, 8, 9, 11, 12

Imaginário 28, 34, 35, 36, 38, 39, 147, 158, 159, 160, 161, 168, 195, 260, 261, 263, 264, 267, 271, 273, 275

Inclusão 15, 17, 40, 43, 47, 50, 51, 109, 111, 124, 166, 167, 175, 215

## M

Modalidade à distância 1

## N

Narrativas 28, 31, 34, 104, 108, 136, 140, 145, 149, 151, 154

## P

Parteiras 128, 129, 131, 132, 134, 135, 137, 139, 140, 142

Pensamento complexo 79

Políticas 163, 166

População LGBTQ+ 173

Processo 1, 2, 3, 4, 6, 8, 10, 11, 12, 13, 19, 20, 28, 35, 36, 37, 42, 48, 50, 53, 58, 62, 63, 64, 67, 69, 70, 72, 73, 74, 77, 79, 97, 99, 102, 103, 104, 105, 112, 116, 117, 123, 128, 129, 131, 139, 140, 141, 144, 145, 146, 149, 150, 151, 152, 154, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 167, 168, 169, 180, 188, 191, 194, 195, 196, 197, 199, 201, 202, 203, 205, 214, 216, 217, 218, 219, 246, 249, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 262, 267

Psicologia 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 115, 178, 218, 220

## R

Reconfiguração 1, 3, 4, 11, 101

Rezadeiras 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141

## S

Selfie 28, 29, 30, 32, 33, 34, 37, 38

## T

TIC 2, 12, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96

Trabalho docente 1, 2, 3, 8, 10, 12, 13, 14

## **U**

Universidade Venezuelana 79

Universitários 22, 78, 79, 100, 167

## **V**

Violência 150, 151, 154, 169, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 180, 197, 252, 253

# Novas Possibilidades rumo ao Futuro das Ciências Humanas e suas Tecnologias 2

 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
 [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)  
 @atenaeditora  
 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

  
Ano 2020

# Novas Possibilidades rumo ao Futuro das Ciências Humanas e suas Tecnologias 2

 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
 [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)  
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)  
 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

  
Ano 2020